

# Líderes estão otimistas com adesões <sup>35</sup>

As andanças dos líderes do presidente eleito Fernando Collor na Câmara, Renan Calheiros, e no Senado, Carlos Chiarelli, em busca de apoio para as primeiras medidas do novo governo, renderem otimismo. Os números continuam sendo guardados a sete chaves, transmitidos ontem ao futuro ministro da Justiça, Bernardo Cabral, em mais uma das reuniões de avaliação. Renan e Chiarelli repetem o coro de que a "tendência é das mais otimistas", esperando torná-la realidade antes de Collor voltar ao Brasil, dia 13 próximo. Até lá, confiam que "o êxito da viagem" passe a influenciar os renitentes e os que jogaram mais pesado contra o então candidato do PRN, como é o caso dos petistas e peedistas.

O PDT, segundo Chiarelli, tem dado mostras de que não vai antecipar empecilhos às causas de Collor, pelo que pode deduzir do encontro com três dos cinco integrantes do partido no Senado.

Já com relação ao PT, todo silêncio parece ser pouco. Os interlocutores de Collor evitam até mesmo referir-se aos petistas, temendo sair daí um reforço para o governo paralelo, idealizado

pela cúpula do partido. Calheiros afirmou que ainda não tentou conversar com o líder Plínio Sampaio (SP), sem dizer quando pretende fazê-lo.

Os líderes, além do apoio, tratam igualmente de dar evidência ao que entendem ser "a austeridade do governo" que estão ajudando a formar, mais ou menos repetindo as promessas de comícios de Collor, como aquela contra o clientelismo ou a troca de apoio por cargos na administração pública, como chegou a anunciar o líder do PDS na Câmara, Amaral Netto.

"Não vamos discutir cargos ou posições dentro do governo. Se há uma prática enterrada pelas urnas é a do clientelismo", afirmou Calheiros, seguido pelo coro de Chiarelli de que "não concordamos com a prática de compor o governo a partir dos interesses menores dos partidos políticos".

O certo é que, se valer o que estão apregoando, nem mesmo as disputas eleitorais aos governos dos estados passarão perto do Palácio do Planalto, dando sequência à construção da figura de **magistrado**, com a qual o presidente Sarney tentou se revestir nos cinco anos de mandato.

Por ora, juntando-se os votos dos integrantes do PRN, PDS, PTB, PL e PDC, Fernando Collor garante na Câmara 208 votos, 32 a menos do que o necessário para a maioria, um número mais que suficiente para um bloco de apoio ao governo. Só que esta condição não será jamais formalizada, segundo Renan, convencido de que o reordenamento partidário esperado para o próximo ano não admite nenhum imprevisto agora. Neste conjunto de "sim" às primeiras medidas de Collor estão os que têm o aval dos líderes, como é o caso do PDS e PDC, e as individuais, a exemplo de alguns peemedebistas.

O trabalho dos dois líderes será descentralizado a partir deste mês, não só em função da dificuldade em fazer contato em um mês metade recesso metade Carnaval, mas também pelo trânsito desde já previsto dos parlamentares candidatos à reeleição. Bernardo Cabral e os líderes pretendem nomear pessoas expressivas em cada um dos estados para coordenar o trabalho, como é o caso deputado do Arnaldo Faria de Sá em São Paulo, e o prefeito do Recife, Joaquim Francisco.